UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL

MARIANA LIMA

Não há consenso nas ciências sociais sobre como interpretar e, menos ainda, como lidar com o racismo brasileiro. Até as primeiras décadas do século XX, a identidade nacional contava com um discurso racista que considerava a mistura entre raças, em particular a mistura com as raças não-brancas, causa de um suposto atraso brasileiro.

A partir da década de 1920 e em dimensões diversas de discursos – artísticos, sociológicos e oficiais – a brasilidade começa a ser intencionalmente positivada e a mistura com os povos não-europeus e não-brancos passa a ser valorizada como particularidade nacional.

Nesse âmbito, surgem narrativas que interpretam nossas relações raciais como cordiais e harmônicas desde que comparadas a outras experiências de discriminação e segregação raciais no mundo. Fomentava-se uma identidade nacional brasileira que procurava valorizar positivamente o convívio de povos e a miscigenação dele decorrente.

Esses discursos, embora tenham adquirido prestígio, não representavam a totalidade de narrativas concorrentes sobre o convívio racial no Brasil e foram sendo considerados como parciais por pensadores interessados em desvendar uma modalidade de racismo brasileiro escondido sob o que era entendido como um mito de convívio harmônico: a miscigenação no Brasil.

A disputa entre as narrativas divergentes parece ter se tornado mais acirrada a partir das recentes experiências de ações afirmativas para negros porque, de um lado, concorre a interpretação de que a convivência brasileira prima por não visualizar a cor das pessoas como critério, por não diferenciá-las, postulando certa harmonia entre as raças. Por outro lado, concorrem discursos que enfocam as assimetrias históricas que têm se mantido acobertadas sob o ideal de democracia racial.

Livio Sansone procura demonstrar em *Negritude sem etnicidade* que deseja estabelecer um diálogo com as duas posições, apontando particularidades no convívio racial brasileiro, bem como aspectos que fazem

dele um país com assimetrias entre negros e brancos. Estas assimetrias tendem a se repetir tanto no âmbito nacional quanto no internacional, pelo menos entre as juventudes de Salvador e Amsterdã analisadas pelo autor.

Apesar de verificar a concentração dos negros nas classes mais baixas das duas regiões urbanas estudadas, Sansone afirma desacreditar qualquer política anti-racismo que assuma um fortalecimento da identidade racial ou "étnica" (expressão que aparece no texto ora como utilizada por seus informantes, ora por ele próprio).

O primeiro capítulo é uma análise de dados quantitativos e qualitativos oriundos de fontes variadas. Há dados quantitativos e oficiais e dados qualitativos derivados de pesquisas próprias e de alguns outros autores. O que dá tom à sua narrativa é o processo dinâmico que constitui as relações raciais no Brasil, ou seja, a intermitência do que se entende por negritude em gerações diferentes e a constituição de um sistema de terminologias e significados raciais em constante mudança. Creio que uma das perguntas não declaradas que orientam sua reflexão seria esta: É possível pensar em relações raciais em um país sem congelá-lo no contexto no qual é feita a observação? Para tanto, Livio Sansone atravessa gerações e autores que trataram da questão no passado e alguns daqueles que a analisam no presente, buscando nunca examiná-la como se fosse um fenômeno estável, mas sim um processo, um fenômeno cultural.

É importante, para ele, a perspectiva nativa sobre as cores, porque é a partir dela que se podem observar as mudanças no sistema de relações raciais e evitar, assim, um tratamento estanque para uma realidade que está em constante movimento. Por exemplo, para Livio Sansone, uma redução perigosa é aquela que as estatísticas oficiais costumam adotar enquadrando toda a terminologia nativa em apenas cinco categorias raciais, sob a justificativa de que os termos nativos são muito numerosos e imprecisos. Segundo o autor, a pouca objetividade e o leque terminológico são dados muito importantes a serem decifrados, e não simplificados como se atrapalhassem a reflexão. Seria antes o contrário, o tratamento tem sido simplificador em relação a uma realidade complexa demais e que ainda tem muito a dizer, inclusive no que concerne às estratégias de pesquisa adotadas.

Sansone sugere que um dos problemas no tratamento simplificado da terminologia racial está nos próprios resultados dela extraídos, já que a sua pesquisa, que procurou considerar a terminologia nativa em sua ampla

gama, encontrou, num mesmo período, menos brancos do que a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, que opta por uma redução – em sua opinião problemática – dos pardos em uma única categoria.

O primeiro capítulo adota um tom grave, porque percebemos, à medida que avançamos no tempo e, apesar de algumas melhorias nos níveis educacionais, que os jovens negros continuam desempregados ou subempregados, portanto, mal-inseridos nas relações de trabalho. Frustrados em relação à geração de seus pais que, embora não disponham da mesma formação dos filhos, estão mais bem inseridos no mercado profissional. Uma preocupação correlata é a de que esses jovens recebem no presente mais informação, criando expectativas a respeito do padrão de consumo e do modo de vida por meio de muitas outras realidades às quais têm acesso.

Esta situação, por um lado, faz com que os pais cobrem de seus filhos uma melhor inserção no mercado de trabalho, pois julgam que estejam suficientemente instrumentalizados já que receberam mais educação do que eles; por outro lado, faz com que os filhos desejem também postos mais valorizados por se perceberem melhor preparados, realidade que está distante de se concretizar, de acordo com a sua análise.

A gravidade de seu texto não se esgota aí. Há um processo adjacente que torna a situação vivida ainda mais aguda: uma estrutura socioeconômica excludente combinada a uma juventude mais crítica, mais informada e que não aceita ser tão subalternizada por seus patrões, tal como crêem que a geração de seus pais tenha sido. Estes, por sua vez, entendem os filhos como menos "respeitosos" no que diz respeito aos ricos, aos brancos, aos patrões. No entanto, a geração dos filhos percebe esse suposto "respeito" dos pais como perda da dignidade. Assim, os jovens não se submetem com a mesma facilidade a critérios que por vezes são demandados nas relações com os empregadores.

A conjunção desses fatores, segundo crê Sansone, gera desconfiança sobre a formação que estão recebendo esses jovens e, conseqüentemente, desinteresse pelos estudos: "Mais jovens do que nunca pareciam insatisfeitos com suas perspectivas de trabalho e buscavam alternativas para o que viam como o ramerrão dos trabalhos de baixo *status* ou a vida de donas-de-casa pobres" (Sansone:59).

Ao comparar essas duas gerações, o autor observa que a terminologia racial também mudou: os jovens já não utilizam os mesmos termos para se referirem às suas cores e às de seus pares, e tampouco têm a mesma postura

quanto ao pertencimento "étnico". Sansone demonstra que a nova geração está mais segura em se identificar com a negritude, usando-a afirmativamente; à medida que sobem na escala da formação e também na da classe social, os jovens têm se reconhecido mais como *negros*, expressão que, de acordo com seus dados, quase não é usada pela geração de seus pais.

O autor procura as ligações possíveis entre a realidade dos jovens e a percepção do que é "raça", observando que entre as duas gerações interpeladas há também dois principais tipos: os *pretos* (termo tradicional relacionado à cor) e os *negros* (termo antigamente ofensivo, mas que tem sido ressignificado num sentido de afirmação étnica e de orgulho). Esses tipos referem-se a duas formas de lidar com a discriminação racial e a negritude no Brasil em tempos distintos.

Sansone mostra ainda que há uma distância intransponível entre os pobres (negros em sua maioria) e os ricos (predominantemente brancos) e, embora os primeiros sejam ligeiramente menos pobres hoje, em comparação com um passado recente, constituem uma camada melhor informada sobre o que acontece nas outras esferas sociais e no resto do mundo do que as gerações predecessoras:

> Assim, podemos imaginar uma sociedade em que as expectativas das diferentes camadas, em termos de qualidade de vida, [...] tornam-se mais próximas, enquanto a estrutura de oportunidades fica muito atrás e não consegue atender a esse aumento das expectativas (Idem:50).

Percebe-se então que associados à distância social estão grupos de cores diferentes: numa ponta os mais brancos e na outra os mais negros. Assim, ainda que haja uma inegável assimetria na distribuição social das cores, Sansone conclui que não há polarização nas relações raciais do Brasil, aproximando-se da interpretação hegemônica sobre o país que estuda. Há ambigüidades em seu texto: se em alguns momentos afirma não haver cisões, em outros mostra que elas existem e que um olhar mais atento, por exemplo, sobre as relações profissionais tornaria explícito o que chama de "um certo grau de conflito racial". As relações nas quais Sansone não identifica cisão entre as raças são microrrelações, chamadas de esferas "mais leves" de convívio, ou seja, nas quais predominariam cordialidade e outras estratégias. No entanto, é possível relacionar em seus dados as estratégias de embranquecimento

à distância socioeconômica – que se efetiva em distância espacial, como verifica o autor ao identificar bairros predominantemente povoados por grupos de cores diferentes, sendo os negros os mais pobres.

Sansone observa também que os entrevistados tendiam a se embranquecer e a embranquecer suas famílias mas, quando falavam de pessoas do circuito mais amplo, inclinavam-se a "admitir" que eram mais negros.

> Em quase todos os casos, o fato de as pessoas se identificarem como mais claras do que eram, na opinião dos pesquisadores, relacionou-se com o desejo de desenfatizar a negritude, a fim de reduzir sua possibilidade de serem vitimadas pelo racismo (Idem:64).

Suas entrevistas com moradores de Camaçari e Salvador mostraram que nem os conflitos pessoais nem os grupais estavam *declaradamente* relacionados à cor e ao racismo. Os informantes costumavam atribuir pouca ou nenhuma importância à cor das pessoas na formação de elos. Embora, nas perguntas direcionadas às relações e às atribuições à cor, as pessoas habitualmente dissessem que não eram racistas, Livio Sansone identificou que há áreas de convívio "mais leves" e outras "mais pesadas" no que diz respeito ao racismo, sendo estas últimas aquelas em que ser mais negro implica mais dificuldades. Dessa forma, ainda que os informantes caracterizassem as pessoas por outros atributos – que não a cor em primeiro lugar – reconheciam que, nos âmbitos profissionais, na interação com a polícia e no namoro ou casamento, ser negro tornava as interações mais difíceis: "O local de trabalho foi descrito por quase 70% de meus informantes como um espaço em que o racismo é extremamente acentuado" (Idem:80).

Sansone observa que os brasileiros optam às vezes pela manipulação dos signos de cor. Na tentativa de adquirirem prestígio nas interações, procuram embranquecer, alisando o cabelo, por exemplo. O autor desaprova essas estratégias que, segundo ele, apóiam-se sobre o "pressuposto de que existe, na sociedade brasileira, uma incompatibilidade básica entre ser negro e ter prestígio social" (Idem:11). Nessa abordagem, os agentes parecem equivocados ao disporem de estratégias de embranquecimento, como se partissem exclusivamente de si mesmos essas valorizações – às quais o autor chama de "pressupostos" – e não de uma realidade de convívio que ensina e corrobora práticas e regras, estabelecendo estratégias eficazes nas interações. Para o

autor, apesar de um convívio de discriminações, as pessoas optam por manipular outras identidades que parecem mais compensadoras, evitando assim uma proximidade dolorida com a identificação negra.

Nos últimos anos, Sansone aponta que houve certa abertura brasileira ao comércio exterior, ampliando os horizontes dos jovens negros na direção de um panorama internacional de negritude. A "nova etnicidade negra baiana", como chama, utiliza-se do corpo negro e de penteados mais que do sistema religioso afro-baiano como índice de pertencimento étnico, inserindo-se de uma nova forma nos hábitos consumistas, âmbito este bombardeado por imagens de negritude que ultrapassam as fronteiras simbólicas da nação. Um aspecto importante desses novos signos de pertencimento é que custam muito caro, de modo que muitos dos jovens negros consumidores fazem verdadeiros esforços para adquirir os produtos "étnicos".

Sansone interpreta o sentido local da identidade negra como parte de um fluxo global. Essa mercantilização, em sua opinião, implica uma espécie de "dessincretização", uma "purificação" dos signos de negritude para que possam percorrer circuitos mundiais enquanto símbolos *negros*.

> A cultura afro-brasileira tradicional inspirou-se no contexto local – o passado brasileiro e, mais especificamente, o passado baiano – e numa África imaginária ou sentimental; as versões mais novas da cultura afro-brasileira, criada pelos negros jovens, inspiram-se numa variedade maior de fontes, que tanto inclui a cultura afro-brasileira tradicional quanto a cultura internacional da juventude negra (Idem:130).

Por outro lado, ao enfrentar a produção cultural da negritude no Brasil, este autor percebe que há um gosto estético local, como na esfera musical que analisa, apesar da maciça lógica do capital internacional na comercialização dos produtos culturais. Este é um aspecto importante, porque os jovens, em que pesem o esforço e o aparato mercadológicos, recusam em certa medida a estética internacional em favor de uma preferência local.

Os significados dos objetos negros não são universais, mesmo que por vezes atravessem os contextos locais significando negritude em novas situações. Assim mesmo, a distribuição dos ícones de negritude requer certo esvaziamento de seu conteúdo/significado local. Nessa versão universalizável, eles são capazes de percorrer circuitos globais ganhando novos sentidos,

mas sem deixarem de conter "negritude" (como índice de pertencimento). Dessa forma, Sansone pode dizer, por exemplo, que alguns objetos baianos são mais facilmente étnicos se vistos através de lentes culturais externas, e não internas.

Ele identifica nos processos de "reafricanização" um movimento de sincretismo, no qual os símbolos "afro" internacionalizados são ressignificados por meio das lentes culturais locais. Aponta, nos movimentos de fortalecimento da identidade negra, certa "purificação" dos signos, para que possam significar negritude de forma ampla, mas sempre possuidores de conotações locais. Sansone afirma, então, que a chamada "moderna cultura negra" não deve ser entendida como a expressão de uma suposta tradição negra, porque a cultura e seus símbolos são sempre dinâmicos, passíveis de ressignificação, jamais sendo fixos.

Percebemos que Livio Sansone descreve as relações raciais em um processo de contínua mudança, dando sempre ênfase ao seu caráter momentâneo e contextual, ou seja, a forma como a negritude é experimentada no Brasil, embora dialogue com outras realidades enquanto experiência de alteridade, tem representações e padrões próprios. O autor reforça que nas relações brasileiras há racismos, e eles aparecem mais ou menos intensamente em contextos diferentes. Enfim, a identidade étnica está constantemente presente nas relações. Contudo, o autor conclui afirmando que nenhuma identidade étnica é necessária na luta contra o racismo.

Procurei abordar nesta resenha alguns dos pontos que me pareceram mais importantes, para o cenário nacional da produção acadêmica quanto às relações raciais num momento específico de disputas sobre o tema. O livro *Negritude sem etnicidade* marca, nesse sentido, a efervescência intelectual em torno da temática racial.

REFERÊNCIAS

MUNANGA, Kabenguele. 2004. *Rediscutindo a mesticagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.* Autêntica.

PECHINCHA, Mônica. 2006. *O Brasil no discurso da antropologia nacional.* Goiânia: Cânone.

SANSONE, Livio. 2004. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil.* Salvador: Edufba; Pallas.